

BOLETIM DE CONJUNTURA

82

2015

3º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

peessoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

As empresas da indústria de calçado continuam globalmente satisfeitas com a conjuntura, sendo mais as que entendem que é positiva do que as pensam o contrário. Embora a maioria das empresas considere que o nível de utilização da sua capacidade produtiva foi normal para a época do ano, no terceiro trimestre registou-se uma tendência de decréscimo na produção e nas encomendas, sobretudo do estrangeiro. A insuficiência de encomendas do exterior foi, por isso, a dificuldade que mais afetou as empresas inquiridas. Como seria de esperar num contexto de abrandamento da atividade, as referências a dificuldades de abastecimento de fatores de produção diminuiram.

Para o último trimestre do ano, as empresas perspetivam a manutenção desta tendência de abrandamento da produção e das encomendas mas acreditam que o estado dos negócios se manterá sensivelmente inalterado.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

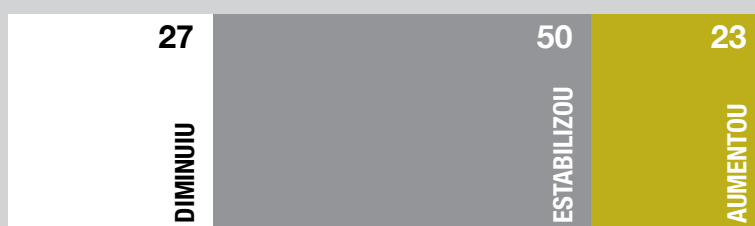
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

Metade das empresas inquiridas afirmam que, no terceiro trimestre de 2015, o seu nível de produção permaneceu inalterado. No entanto, entre as restantes, as que apontam para uma diminuição da produção excedem as que indicam o oposto, gerando um saldo de respostas extremas (s.r.e.) negativo em 4 pontos percentuais (p.p.). Corrigidos os efeitos da sazonalidade, este indicador apresenta-se agora ao nível mais baixo dos últimos três anos. As empresas que vendem a maioria da sua produção para o estrangeiro apresentam-se, contudo, mais otimistas.



Utilização da Capacidade



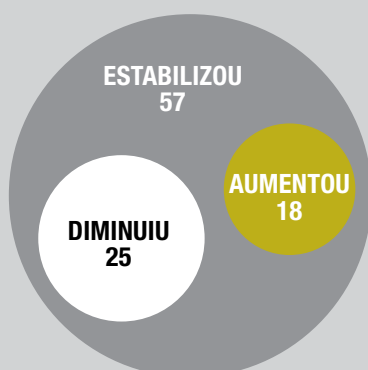
A larga maioria dos inquiridos (71%) considera que a utilização da sua capacidade produtiva permanece normal para a época do ano. Contudo, como tem sido habitual, há mais empresas a afirmar que a utilização da capacidade está aquém do normal do que a declarar o oposto (s.r.e. -9 p.p.). Este indicador apresenta agora o segundo valor mais negativo dos últimos dois anos e meio.

Carteira de Encomendas

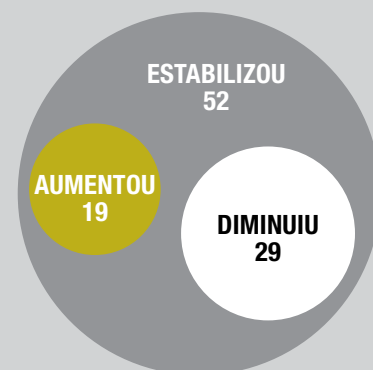
No terceiro trimestre, a carteira global de encomendas registou algum recuo mas não tão acentuado como as empresas tinham previsto no final do período anterior. As empresas entendem que a carteira diminuiu excedem em 7 p.p. as que dizem que aumentou mas 57% dos inquiridos afirmam que a situação permanece estável. Tal como no trimestre anterior, as pequenas empresas dão nota de uma evolução mais favorável do que as restantes.

No caso das encomendas do estrangeiro, há também uma maioria de empresas, embora menos numerosa, que indica que a carteira permaneceu inalterada (52%). O saldo de respostas extremas é, no entanto, mais acentuadamente negativo (-10 p.p.). Entre as empresas com mais de 250 trabalhadores, em particular, nenhuma declara ter registado um aumento de encomendas do estrangeiro.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



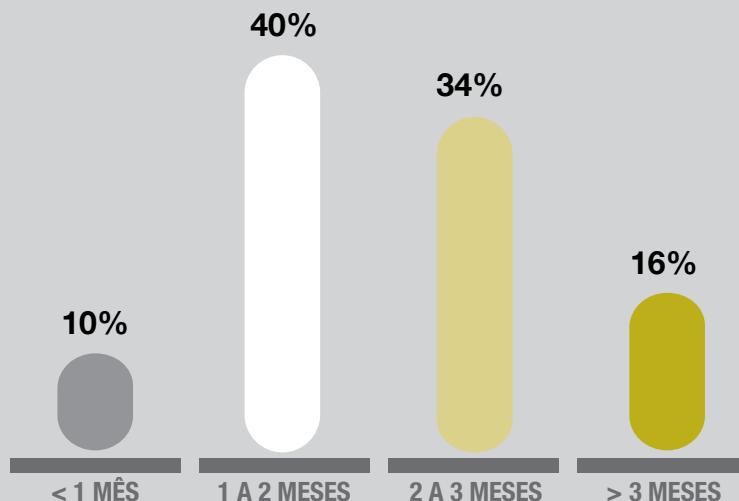
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

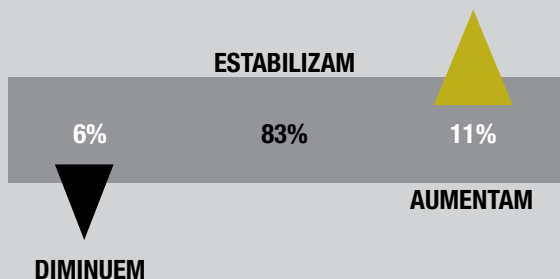
Apesar das respostas anteriores, as empresas que afirmam ter menos de um mês de produção assegurada pela carteira de encomendas diminuíram e são agora apenas 10% enquanto as que dizem ter um a dois meses de atividade garantida são 40%. Portanto, metade das empresas continua a ter a sua atividade assegurada para dois ou mais meses. Apesar de nenhuma ter beneficiado de um aumento das encomendas, entre as empresas com mais de 250 trabalhadores, metade afirma ter encomendas para mais de três meses de produção.



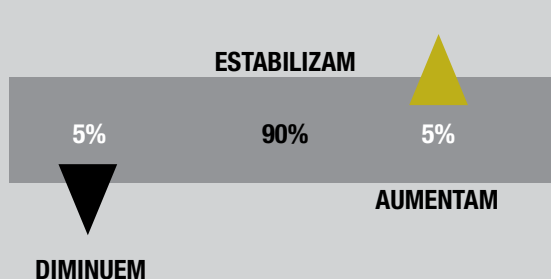
Preços

A larga maioria dos inquiridos (83%) afirma que, no terceiro trimestre, os preços em Portugal permaneceram estáveis. No entanto, o facto de haver mais empresas a dizer que os preços aumentaram do que diminuíram, com um s.r.e. de +5 p.p., aponta para uma tendência de subida. Já no que respeita aos preços no estrangeiro, a tendência de estabilidade é absoluta: 90% das empresas declaram que assim acontece e as restantes dividem-se exatamente por igual entre as hipóteses de aumento e diminuição.

EM PORTUGAL



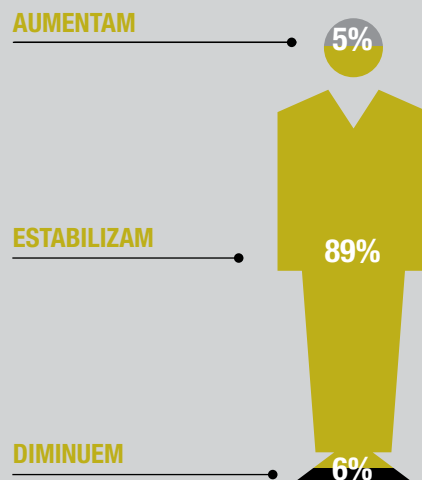
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

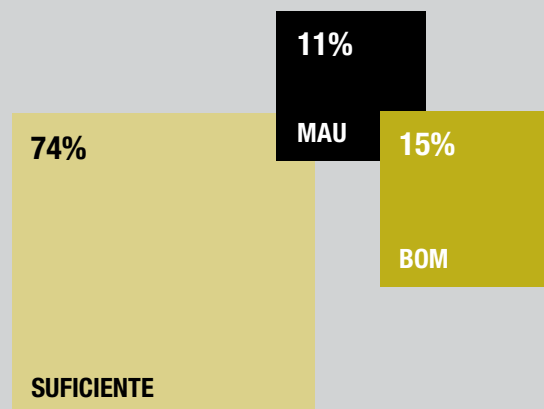
Relativamente ao emprego, depois da tendência de reforço registada em 2013 e 2014, as respostas dos inquiridos apontam agora para a estabilidade, como tem vindo a acontecer ao longo do corrente ano: 89% das empresas afirmam que o número de pessoas ao seu serviço não se alterou e, entre as restantes, as que dizem que diminuiu excedem em apenas 1 p.p. as que afirmam que aumentou.



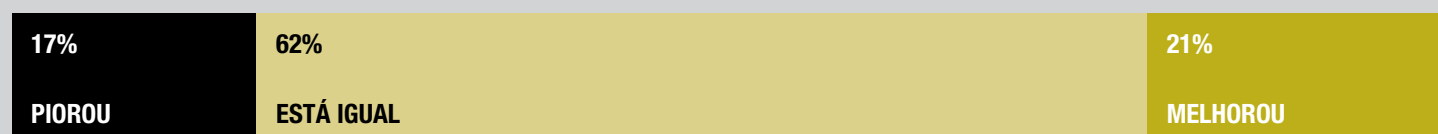
Estado dos negócios

As empresas permanecem globalmente satisfeitas com a conjuntura: três quartos dos inquiridos consideram que o estado dos negócios é suficiente e os que pensam que é bom superam em 4 p.p. os que entendem que é mau. Corrigidos os efeitos da sazonalidade, este saldo de respostas extremas tem, no entanto, vindo a diminuir gradualmente desde o início de 2014, refletindo os sinais de abrandamento da atividade.

Apesar desses sinais de abrandamento, quase dois terços das empresas (62%) afirmam que o estado dos negócios no terceiro trimestre de 2015 foi sensivelmente idêntico ao registado um ano antes e as empresas que consideram que a situação melhorou são até mais do que as que pensam que piorou (s.r.e. +4 p.p.).



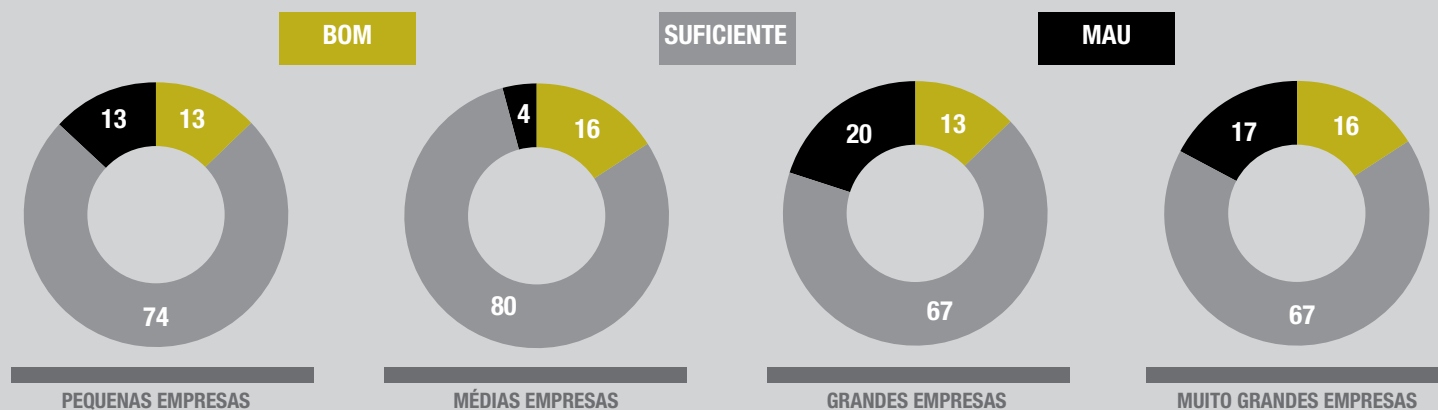
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

O estado dos negócios não apresenta relação bem definida com nenhum dos critérios utilizados para segmentar as empresas. Em termos de dimensão, as empresas médias (50 a 100 trabalhadores) fazem a apreciação mais favorável da situação (s.r.e. +12 p.p.) mas as do escalão imediatamente a seguir (100 a 250 trabalhadores) têm a opinião mais desfavorável (s.r.e. -7 p.p.). Em termos de

orientação de mercado, a apreciação mais favorável é das empresas que exportam 75% a 95% do seu volume de negócios (s.r.e. +13 p.p.) e, quanto ao peso da coleção própria nas vendas, as que não têm coleção própria (s.r.e. +15 p.p.) e que só têm coleção própria (s.r.e. +6 p.p.) são as mais otimistas.



Limitações à produção

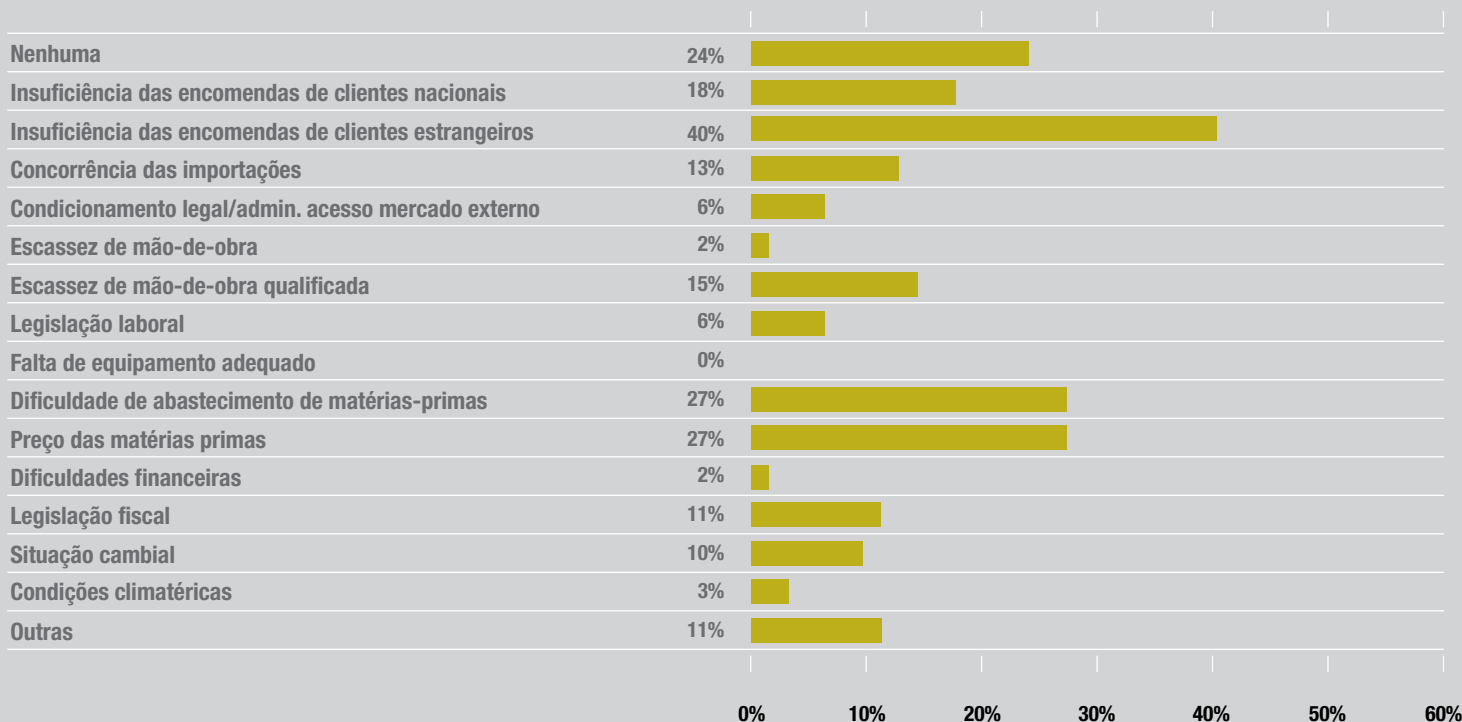
A insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, citada por 40% dos inquiridos, foi, no terceiro trimestre, a limitação à atividade mais referida pelas empresas. Ao contrário do que é habitual, as referências a este fator foram mais frequentes entre as empresas de maior dimensão. Quanto às restantes dificuldades de mercado, manteve-se a tendência de abrandamento que se tem registado ao longo dos últimos anos: as referências à insuficiência das encomendas de clientes nacionais baixaram de 19 para 18% e à concorrência das importações de 15 para 13%.

Num contexto de abrandamento da atividade, as empresas referiram-se com menos frequência do que no trimestre anterior à escassez mão-de-obra qualificada (de 25 para apenas 15%) e de mão-de-obra em geral (apenas 2% de referências). As poucas referências a estas limitações provieram, além do mais, predominantemente das empresas de menor dimensão. Verificou-se também uma

redução do número de empresas que dizem debater-se com problemas resultantes do preço das matérias-primas (de 37 para 27%) e continua a não haver qualquer referência à falta de equipamento adequado. Entre os fatores de produção, o único que registou um ligeiro aumento nas referências foram as dificuldades no abastecimento de matérias-primas que passaram de 26 para 27%.

Pelo contrário, entre as outras dificuldades potenciais sobre que as empresas são inquiridas, houve vários casos de crescimento acentuado. Registaram-se aumentos nas referências a todas as dificuldades de ordem legislativa ou administrativa: legislação laboral (de 5 para 7%), condicionamentos no acesso a mercados externos (de 0 para 7%) e, sobretudo, legislação fiscal (de 3 para 11%). Registou-se também um considerável aumento nas referências à situação cambial (de 3 para 10%).

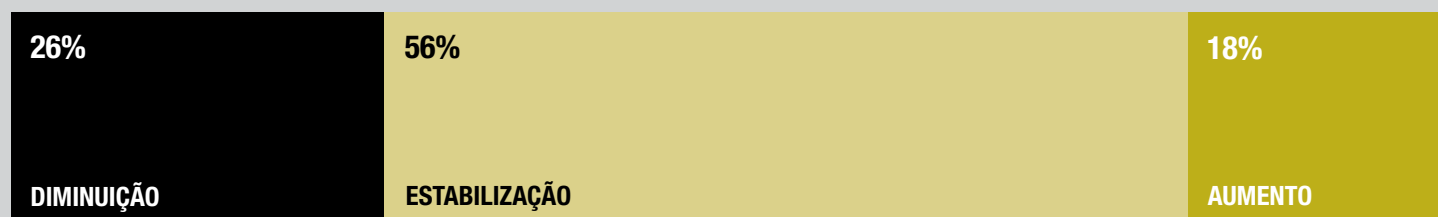
Em contrapartida, aumentou também ligeiramente a percentagem de empresas que indicam não enfrentar nenhuma limitação (de 22 para 24%).



Tendências da produção

A maioria das empresas (56%) prevê manter a produção no último trimestre do ano. Apesar disso, existe uma tendência para a redução da atividade na indústria traduzida num saldo negativo entre as empresas que acreditam no seu aumento e as que preveem a sua

diminuição (s.r.e. -8 p.p.). Em termos de orientação de mercado, as empresas orientadas para o mercado nacional manifestam expectativas mais otimistas quanto à evolução da produção do que as mais focadas na exportação.

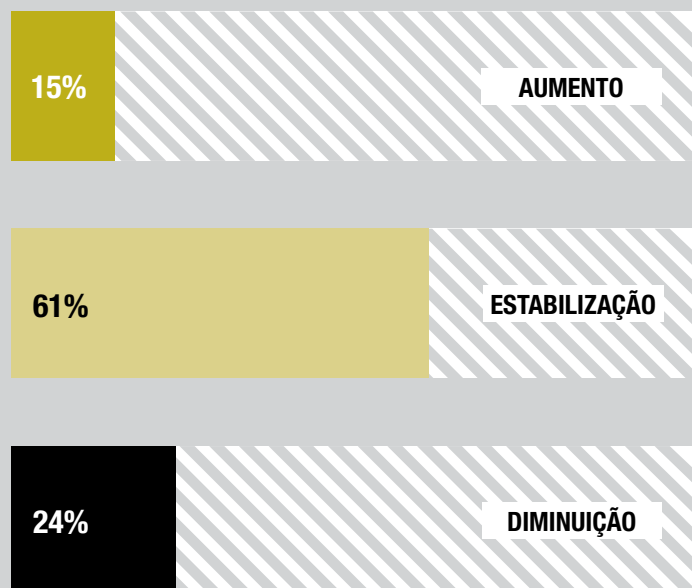


Perspectivas de encomendas

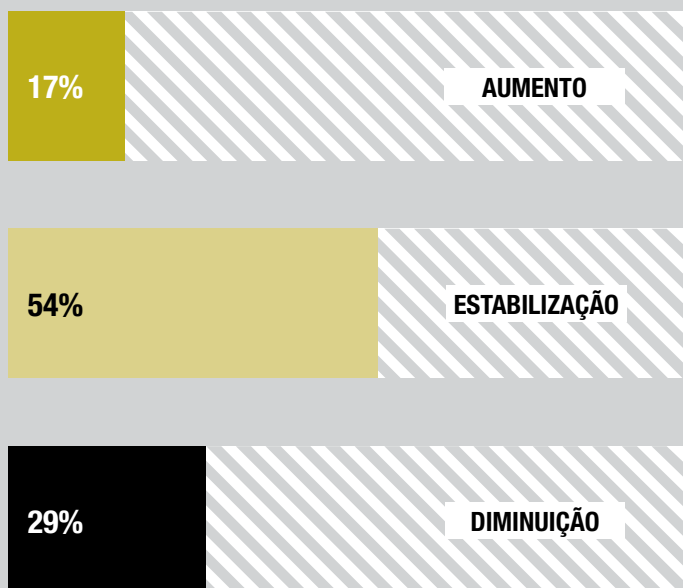
As perspetivas relativas à evolução da carteira global de encomendas são semelhantes: 61% das empresas acreditam que permanecerá estável, sendo o saldo entre as que esperam um aumento e uma diminuição de -9 p.p. mas mais favorável entre as empresas orientadas

predominantemente para mercado nacional. Quanto à carteira de encomendas do estrangeiro, a percentagem de empresas que apostam na sua estabilidade é menor (54%) e o saldo de respostas extremas mais negativo (-12 p.p.).

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

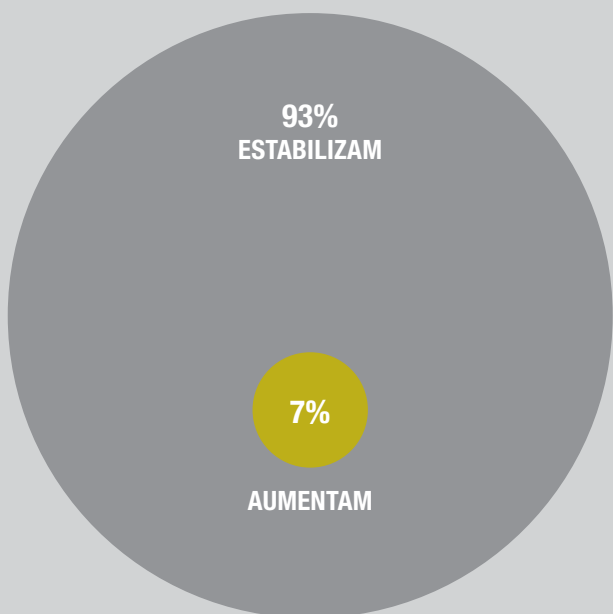


Perspetivas de preços de venda

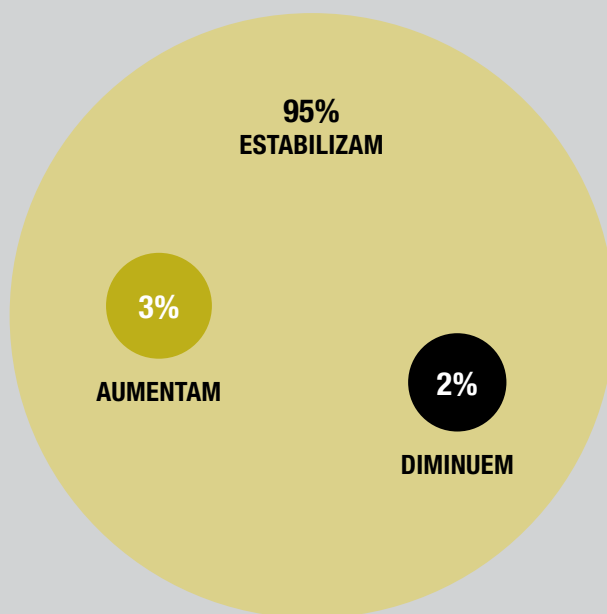
Como habitualmente, a previsão de estabilidade dos preços é quase unânime: as empresas que preveem que os preços não se alterem são 93%, no caso do mercado português, e 95%, no caso dos mercados internacionais. Quanto ao mercado português, no entanto, não há agora nenhuma empresa a prever a diminuição dos preços

enquanto 7% acreditam no seu aumento, sugerindo uma ligeira tendência de alta. Já quanto aos mercados internacionais, o saldo de respostas extremas é de apenas +1 p.p. As previsões de aumento proveem de empresas para quem a coleção própria tem reduzido peso no volume de negócios.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

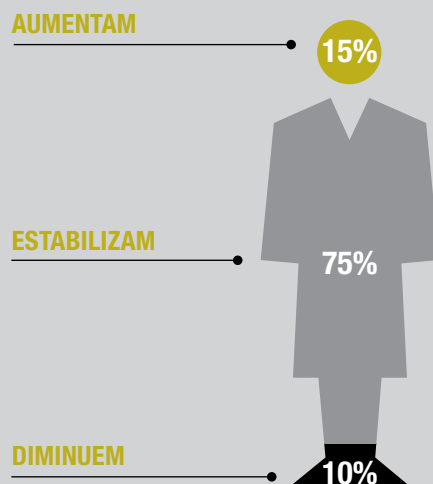


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



Perspetivas sobre o emprego

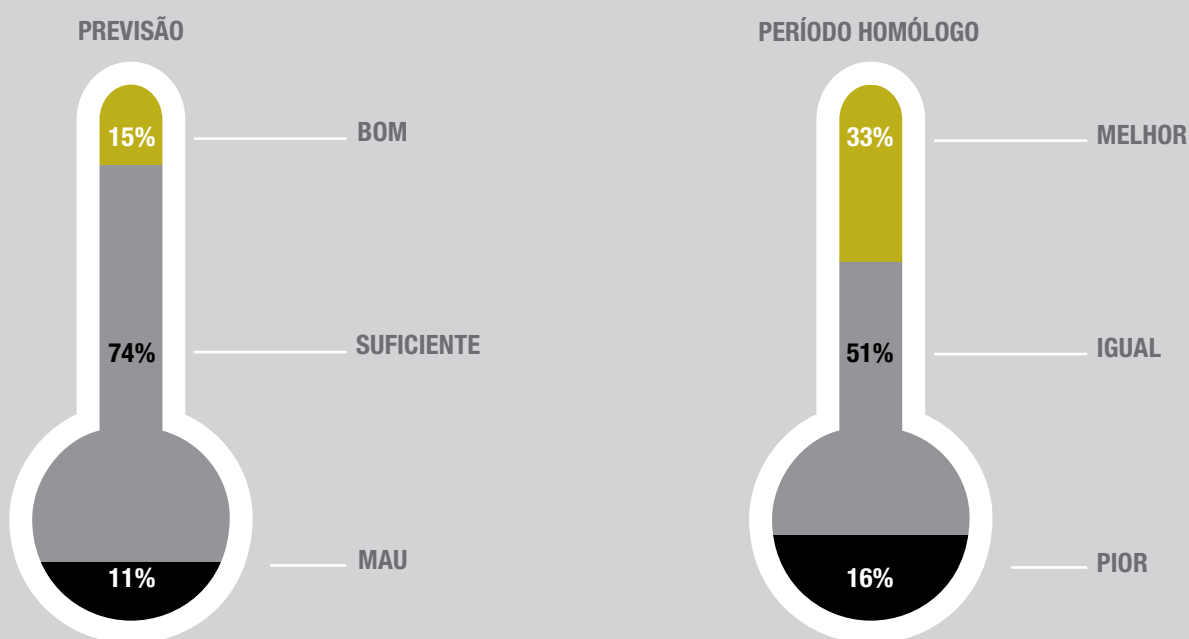
Apesar de as perspetivas para o nível de atividade não serem particularmente otimistas, as respostas dos inquiridos apontam para uma evolução favorável do emprego: o saldo entre as empresas que esperam que este aumente e as que preveem o contrário é de +5 p.p. e atinge +13 p.p. entre as pequenas empresas. No entanto, como habitualmente, a larga maioria dos inquiridos (75%) espera manter inalterado o número de pessoas ao serviço.



Perspetiva sobre o estado dos negócios

As previsões relativas ao estado dos negócios no derradeiro trimestre de 2015 mantêm o tom positivo que as tem caracterizado nos períodos mais recentes: 74% dos inquiridos acreditam que o estado dos negócios permanecerá suficiente e os que acreditam que será bom excedem em 4 pontos percentuais os que preveem que será mau.

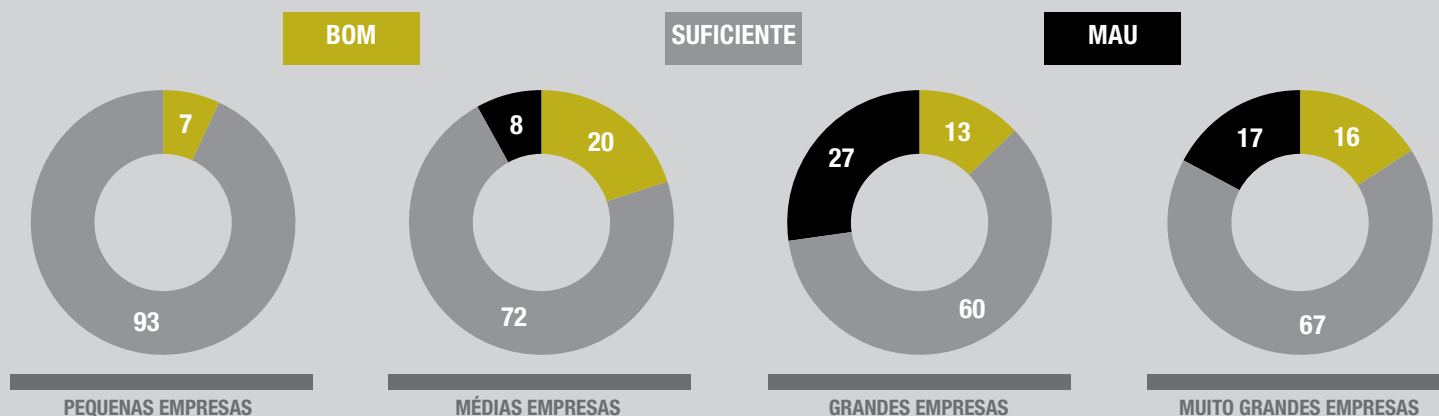
Por outro lado, um terço dos inquiridos acredita que o estado dos negócios neste último trimestre de 2015 será melhor do que o verificado um ano antes, enquanto apenas 16% pensam o inverso, gerando um s.r.e. de +17 p.p., o mais elevado dos últimos dois anos. Cerca de metade das empresas entendem, no entanto, que situação será igual à do ano anterior.



Apuramento dos resultados

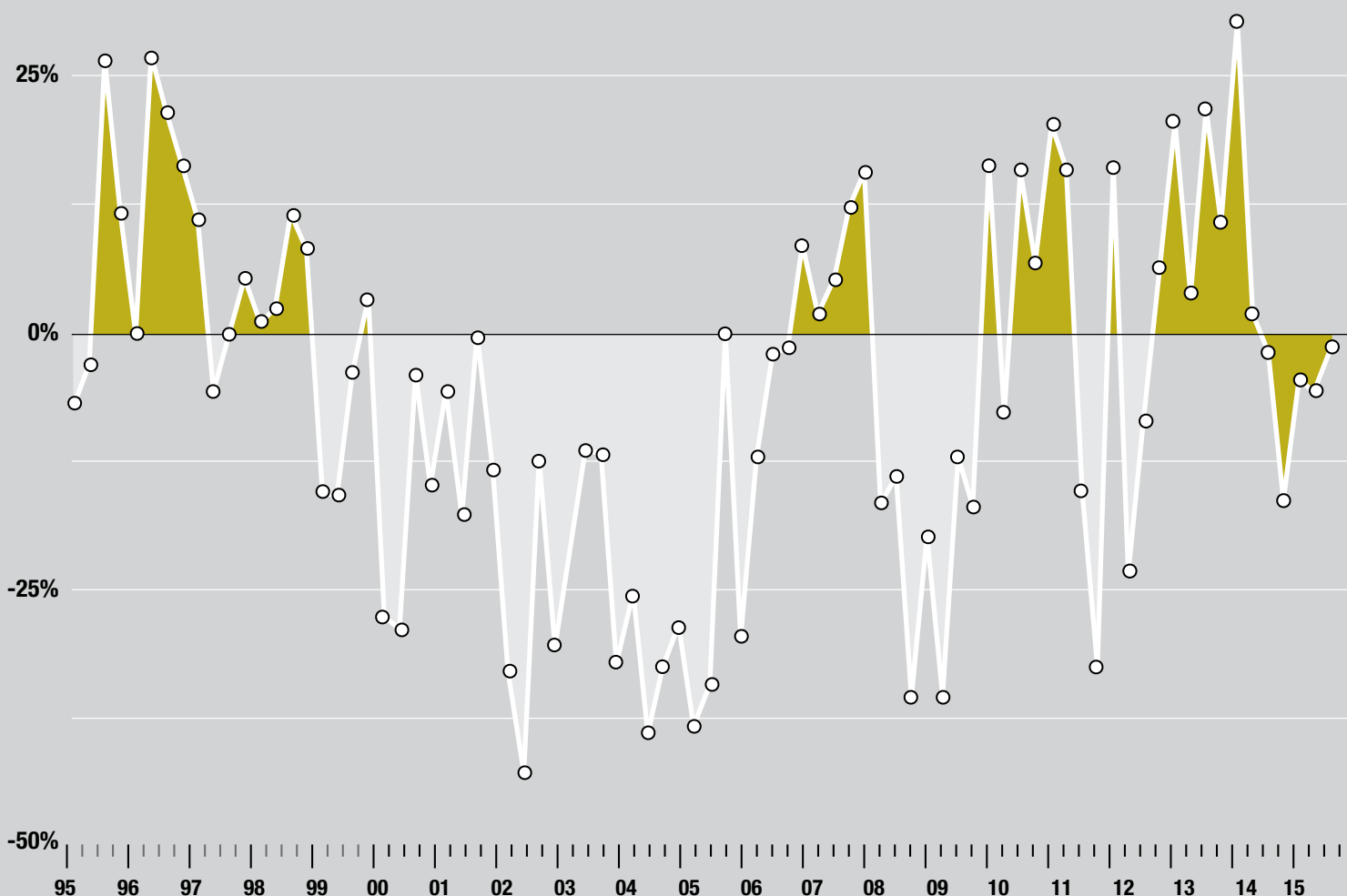
Apuramento dos resultados por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

As previsões relativas ao estado dos negócios são mais favoráveis entre as empresas mais pequenas e entre as que têm menor peso da coleção própria nas vendas. Já em termos de orientação de mercado não se observa nenhuma relação linear, sendo as respostas mais favoráveis entre as empresas que distribuem a sua atividade entre mercado nacional e mercados internacionais do que entre as mais especializadas num deles.



Indicador de Síntese Expectativas Empresariais

A relativa ambiguidade das previsões formuladas pelos inquiridos, com tendências de evolução negativas para a produção e encomendas, mas positivas para o emprego e o estado dos negócios traduz-se numa recuperação do indicador síntese de perspectivas empresariais, de -6% para -1%, mantendo-se, no entanto, em terreno negativo.



Para o quarto trimestre, as empresas esperam um agravamento das limitações decorrentes da insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, fator que é mencionado por 45% dos inquiridos, quando só 40% o referiram a propósito do trimestre agora terminado. As empresas esperam também algum agravamento das dificuldades de mercado relacionadas com a insuficiência de encomendas de clientes nacionais (de 18% para 19%) e a concorrência das importações (de 13% para 15%). Outras dificuldades que são mais referidas na previsão

para o quarto trimestre do que o foram no terceiro são o preço das matérias-primas (de 27% para 30%), a escassez de mão-de-obra (de 2% para 7%) e de mão-de-obra qualificada (de 15% para 18%) e a legislação laboral (de 7% para 8%). Em sentido contrário, as empresas esperam um ligeiro abrandamento nas dificuldades decorrentes de problemas no abastecimento de matérias-primas (de 27% para 26%), legislação fiscal (de 11% para 10%) e acesso a mercados (de 7% para 4%).

Notas de Conjuntura

O Núcleo de Estudos sobre a Conjuntura da Economia Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa estima que, no terceiro trimestre, o PIB português tenha continuado a crescer:

“No 3º trimestre de 2015, a economia portuguesa terá crescido 0.5% em cadeia e 1.9% em termos homólogos, mantendo o ritmo de crescimento trimestral observado desde o início do ano. Portugal parece ter entrado, definitivamente, numa trajetória de recuperação face ao episódio recessivo de 2011-2013 mas sem a intensidade esperada para outras economias da zona euro com destaque para Espanha, apesar de Portugal estar já a crescer acima dos 2% em termos anualizados. O NECEP estima, ainda, que a taxa de desemprego tenha descido para 11.6%, acompanhando a dinâmica de recuperação cíclica em curso. (...)”

O conjunto destes efeitos recomendam que o NECEP reveja em ligeira baixa a sua projeção anterior, para um crescimento do PIB de 1.9% em 2015. A previsão de crescimento para 2016 foi também revista em baixa para 1.8%, em parte por via das necessidades de ajustamento orçamental que se antevêm para o próximo ano, em parte porque o consumo privado, que corresponde a dois terços do PIB, poderá desacelerar a sua trajetória recente de crescimento elevado (...).”

NECEP/CEA Católica Lisbon, Folha Trimestral de Conjuntura – Sumário Executivo, 3º Trimestre de 2015

O Fundo Monetário Internacional publicou recentemente as suas mais recentes perspetivas para a economia mundial:

“Projeta-se que o crescimento global em 2015 seja de 3.1%, 0.3 pontos percentuais inferior ao de 2014 e 0.2 pontos percentuais abaixo das previsões do World Economic Outlook (WEO) Update de julho de 2015. As perspetivas ao longo dos principais países e regiões permanecem desiguais. Relativamente ao ano anterior, espera-se que a recuperação nas economias avançadas acelere ligeiramente enquanto se antevê que a atividade nos mercados emergentes e nos países em desenvolvimento abrande pelo quinto ano consecutivo, refletindo principalmente perspetivas mais débeis para algumas grandes economias de mercados emergentes e países exportadores de petróleo. Num contexto de preços das commodities em declínio, menores fluxos de capital para os mercados emergentes e crescente volatilidade dos mercados financeiros, os riscos negativos para as perspetivas aumentaram, particularmente para as economias em desenvolvimento e mercados emergentes. (...)”

Prevê-se que o crescimento nas economias avançadas aumente ligeiramente neste ano e no próximo. As evoluções deste ano refletem principalmente o fortalecimento da modesta recuperação da área euro e o regresso ao crescimento positivo no Japão, suportados pelo declínio do preço do petróleo, por políticas monetárias acomodáticas e, nalguns casos, pela depreciação das moedas. A aceleração nas economias desenvolvidas é moderada pelo menor crescimento em países exportadores de commodities – particularmente, o Canadá e a Noruega – e na Ásia fora do Japão (em particular, na Coreia e em Taiwan). O desemprego está a diminuir mas o crescimento subjacente da produtividade permanece fraco, incluindo nos Estados Unidos, onde a recuperação está mais consolidada. Isto reforça as preocupações quanto às perspetivas de médio prazo. Espera-se alguma aceleração do crescimento em 2016 (especialmente na América do Norte) mas as perspetivas de médio prazo permanecem moderadas, refletindo uma combinação de menor investimento, demografia desfavorável e fraco crescimento da produtividade. O recente declínio adicional dos preços do petróleo, bem como dos preços de outras commodities, deve sustentar a procura na maioria das economias avançadas que são importadoras líquidas de commodities mas o abrandamento nos mercados emergentes implicará menores exportações.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook (WEO), outubro 2015*

Para 2016, entre as principais economias, o FMI prevê um crescimento de 2.8% nos Estados Unidos e de 1.6% na área Euro. Dentro da área Euro, a Alemanha e a França deverão crescer muito próximo da média regional, ficando a Itália ligeiramente abaixo, com 1.3%, e a Espanha substancialmente acima, com 2.5%. Noutras zonas do mundo, a China deverá crescer 6.3% e a Índia 7.5% mas economia russa deverá cair 0.6% e a brasileira 1%. Para Portugal, a previsão do FMI é de um crescimento de 1.5%.

*Tradução nossa

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional